

Qual o compromisso social do arqueólogo brasileiro?

*Klaus Hilbert*¹

Resumo

Nesta reflexão procura-se entender qual a relação entre sociedade e os arqueólogos. Questiona-se sobre o papel do arqueólogo na elaboração do conhecimento, quais seus compromissos, deveres e quais suas responsabilidades. Defende-se uma presença ativa de uma Arqueologia comprometida com a construção de passados.

Palavras-chave: Arqueologia e compromisso social, Cultura material, Teorias arqueológicas.

Abstract

In this article, we seek to understand the relationship between society and archaeologists. By asking about the archaeologist's role in the elaboration of knowledge, obligations, duties and responsibilities, we believe in an archaeology that is socially active, as well as committed with the construction of pasts.

Keywords: Archaeology and social compromise, Material culture, Archaeological theories.

¹ Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Avenida Ipiranga, 6681; 90619-900 Porto Alegre-RS; hilbert@pucrs.br.

Especialistas recomendam...

"Ao persistirem os sintomas um especialista deverá ser consultado".

Escrevi esse artigo para refletir sobre o compromisso social do arqueólogo. O diálogo que proponho revela, além das minhas incertezas em abordar essa temática, uma situação esquizofrênica: estou conversando com um amigo imaginário que por sua vez está se comunicando comigo como se fosse eu mesmo, e com outros arqueólogos. Mas, essa forma de narrativa me ajudou a pensar e a escrever esse texto.

- "Escrever sobre o compromisso social do arqueólogo, ora, não pode ser tão complicado! Sou arqueólogo há muitos anos e conheço minha profissão. Sei o que estou fazendo. É simples! É como nas outras profissões: um professor leciona; um pintor pinta; um pedreiro constrói muros; um jogador de futebol joga bola e um arqueólogo faz Arqueologia".

- "Será? Não pode ser tão simples assim!".

- "É simples! São os arqueólogos que complicam as coisas com suas incertezas".

- "Se fosse simples, a Arqueologia seria uma profissão reconhecida por lei, e os compromissos com a sociedade também seriam bem definidos".

- "Mas a Arqueologia mudou, a sociedade mudou e alguns arqueólogos também mudaram".

Quando entrei na faculdade, na década de 1970, os colegas mais politizados da Arqueologia (que na Alemanha se chama Pré-História e Proto-História) já discutiam sobre o compromisso social do arqueólogo. O slogan que pichavam nas paredes da Universidade mandava os professores "descer da torre de marfim da academia e ajudar na construção de um mundo socialista, anticapitalista, e, conseqüentemente, mais solidário e justo".

Perseguimos, atualmente, essas mesmas idéias?

Com o intuito de esclarecer qual a minha posição, hoje, e para saber qual é meu compromisso como arqueólogo com a sociedade, precisava, primeiro, entender o que um arqueólogo faz, é capaz de fazer e o que a sociedade espera de um arqueólogo.

Se os alunos têm dúvidas, perguntem aos professores, e se os professores e arqueólogos têm dúvidas, perguntem a outros professores e arqueólogos. Procurei nos trabalhos de vários especialistas saber o que os arqueólogos devem fazer. Brian M. Fagan (1988:30), por exemplo, aponta na sua *Introdução à Arqueologia* os seguintes objetivos:

- 1) Estudar sítios e seus conteúdos no contexto de tempo e espaço para obter descrições de longas seqüências culturais;
- 2) Reconstruir os antigos modos de vida;
- 3) Estudar processos culturais, explicando por que mudanças culturais ocorrem;
- 4) Entender o registro arqueológico, incluindo sítios, artefatos, restos de alimentação, e outros, que fazem parte do nosso mundo contemporâneo.

- "Viu? É fácil!".

- "Um arqueólogo classifica material descartado (chamado de "cultura material"), faz escavações quadriculando e peneirando a terra. Depois o arqueólogo escreve relatórios que mostram as coisas selecionadas durante o processo de escavação, evidencia padrões de assentamentos dos sítios, destaca a raridade dos artefatos, sua antiguidade e seu valor histórico".

- "Entendeu?".

- "Entendi!".

- "Ser arqueólogo, então, é como ser um catador de lixo que elimina, classifica, recicla e recondiciona o lixo de outros".

- "É como ser um agricultor que tira seu sustento da terra".

- "É como ser coveiro, que escava as tumbas de outros".

- "É como ser publicitário que desperta nas pessoas o desejo de possuir objetos".

- "É como ser comerciante que estipula valores para as coisas".

- "É como ser um colecionador que guarda e resgata curiosidades".

- "É como ser um 'Forrest Gump', um contador de ilusões".

O problema é que um arqueólogo não é nada disso, mas também é tudo isso, e até muito mais.

Minhas confusões aumentaram:

- "Como posso assumir um compromisso frente à sociedade, se logo no começo de minhas reflexões, tenho dificuldade em situar-me na sociedade?".

Voltei a consultar outros arqueólogos e percebi que existem diferentes tipos de arqueólogos. É uma espécie tão diversificada que precisa de uma tipologia e de uma classificação. Cada espécie de arqueólogo representa um modelo teórico, uma forma de pensar, uma forma de fazer, um território acadêmico, um território político, um habitat, uma forma de ser.

Um pequeno dicionário das palavras arqueológicas supérfluas.

"I heard of a saint who had loved you,
so I studied all night in his school.
He taught that the duty of lovers
is to tarnish the golden rule.
And just when I was sure that his teachings
were pure
he drowned himself in the pool.
His body is gone but back here on the lawn
his spirit continues to drool".
(Leonard Cohen: One of us cannot be wrong, 1968)

O arqueólogo Lewis R. Binford, in *Debating Archaeology* (1989:3) afirma categoricamente que:

We do not study human behavior (...) we do not study symbolic codes, we do not study social systems, we do not study ancient cultures, we do not study ancient settlements, nor do we study the past. We study artifacts.

Além disso, arqueólogos investigam os artefatos relacionados a três dimensões: forma, espaço e tempo. Quaisquer depoimentos que fizemos sobre o passado, são meras deduções baseadas na pesquisa dos artefatos. Isso significa, novamente conforme Binford (1989:3) que todos os depoimentos que formulamos sobre o passado, como resultados das abordagens arqueológicas, são apenas tão bons quanto a explicação que oferecemos para as inferências que fizemos².

Binford expressa seu estranhamento a respeito de uma grande variedade de indivíduos que se autodenominam arqueólogos, mas que negligenciam o mais importante aspecto dessa profissão, que é o desenvolvimento de meios confiáveis de inferir explicações³.

Existem defensores da Arqueologia Contextual, Comportamental, Social, Marxista, Histórica, Demográfica, Clássica e Realista. Binford critica uma literatura arqueológica estranha, indefinida, molenga⁴, e sugere a seguinte taxonomia dos arqueólogos para organizar, e evidentemente ironizar, as atuais tendências teóricas da Arqueologia. Para ele, existem os Yippies, os Yuppies, os Guppies, os Puppies e os Lollies.

Yippies partem do pressuposto de que o progresso da disciplina depende de uma postura de consciência, do auto-exame e de uma abordagem humanística, carregada de juízos de valor. Surpreenden-

² "All statements we make about the past as a result of our archaeological endeavors are only as good as the justifications we offer for the inferences that we make" (Binford, 1989:3).

³ "Inference justifications" (Binford, 1989:3).

⁴ "Mushy mixing" (Binford, 1989:5).

temente, conforme Binford, são justamente esses arqueólogos que categorizam os colegas não-Yuppies de imperialistas intelectuais, colonialistas do conhecimento e chauvinistas desumanizadores da Humanidade. Os Yuppies rejeitam ciência como uma abordagem absolutista e imperialista que é imposta sobre outras nações, pessoas e regiões (Binford, 1989:6).

Yuppies dependem de engenhocas e de tecnologias. Acreditam que através desses recursos o conhecimento e a compreensão arqueológica avançarão. Como muitos arqueólogos tradicionais, os Yuppies são verdadeiros empiristas, que acreditam na verdade evidente. O Yipie olha para dentro de si, o Yuppie olha através de um microscópio. Seus trabalhos carregam no título aspectos zôo-arqueológicos, análises de marcas de uso, seqüências de reduções líticas, tecnologia de cerâmica, palinologia, fitólitos, etc. O mundo dos Yuppies é simples: é só olhar com muito esforço para a maior quantidade de evidências diferentes possíveis, e o que se vê é a verdade. Quanto maior a variedade e sofisticação dos equipamentos, tanto maior a verdade que se percebe (Binford, 1989:7).

Guppies têm uma idade acima da média dos demais profissionais que contribuem para a literatura arqueológica. São empiristas, como os Yuppies, mas sem o enfoque tecnológico. Eles conhecem e escavaram o material, sabem a verdade, pois estiveram mais tempo em contato com os objetos que os outros arqueólogos, e passaram mais tempo em campo. São consumidores vorazes de dados. Guppies ganharam o monopólio sobre a verdade empiricamente justificada por terem acumulado maior quantidade de observações, em geral a olho nu. Esse monopólio permanece incontestado durante os anos de sua carreira profissional. Suas credenciais são passaportes repletos de carimbos, anos de pesquisa de campo, particularmente dedicados a uma área específica (Binford, 1989:8).

Puppies são aspirantes a Guppies. Devem ser levados a sério, pois são protegidos pelos Guppies que, por sua vez, usam seus Puppies em debates com colegas como escudos. Como recompensa, os Puppies assumem seus cargos depois da aposentadoria.

Lollies são parentes dos Yuppies e dos Puppies. O Lollie é capaz de inventar novas palavras e criar novos modelos. Arqueologicamente trabalha com propostas que envolvem questões como: a origem do Estado, da agricultura, do comércio, sedentarismo, povoamento da América, etc. (Binford, 1989:9).

Lewis Binford (2001:669) relaciona Arqueologia com ciência. E já que Arqueologia é a ciência do registro arqueológico, então era de se esperar que os problemas que os arqueólogos procuram resolver estejam relacionados com a pesquisa dos registros arqueológicos. Binford critica Robert Preucel e Ian Hodder (1996) por pensarem que os problemas a serem investigados são buscados em assuntos contemporâneos, sociais, culturais ou políticos, e constituem abordagens típicas para as ciências humanas. Binford pergunta nesse contexto, "where do archaeologist obtain the interpretative knowledge and conceptual tools, for translating archaeological data or observations on the form, arrangement, distribution, frequency, and association among material items and their depositional contexts into 'cultural information' about the past"? (Binford, 2001:672).

Binford explica que na sua compreensão de Arqueologia existem duas abordagens distintas: uma científica e a outra humanística.

A abordagem científica procura construir uma trajetória de aprendizado cumulativo através da investigação empírica do material. A pesquisa científica implica em construir uma teoria explanatória para os problemas isolados durante o processo da investigação dos objetos. No outro lado, arqueólogos que conside-

ram Arqueologia como uma disciplina das ciências humanas, procuram escrever história-cultural, reconstruir as forma de vida no passado ou identificar eventos como, por exemplo, a chegada do primeiro homem à América (Binford, 2002:672).

O filósofo e o arqueólogo

"I heard the news today oh boy
Four thousand holes in Blackburn, Lancashire
And though the holes were rather small
They count them all
Now they know how many holes it takes to fill
the Albert Hall
I'd love to turn you on".
(The Beatles: A day in my life)

Kent Flannery (1982) escreveu uma parábola, muito citada, sobre os objetivos da Arqueologia. Flannery idealizou um encontro entre arqueólogos no bar de um Boeing 747, criou personagens e diálogos para ilustrar diferentes atitudes, práticas e teorias arqueológicas. Não são indivíduos reais, ressalva, mas cada personagem representa um grande grupo de arqueólogos.

O "Filósofo Renascido"⁵ especialista em métodos e teorias, sem área de pesquisa delimitada e sem período definido, para poder trabalhar em patamares abstratos mais elevados, era professor em uma Universidade no oeste dos Estados Unidos. Graduou-se no final da década de 1960, sofreu muito nas pesquisas de campo, pois nunca sabia o que realmente estava fazendo. Outros fizeram comentários sobre suas habilidades limitadas como arqueólogo de campo: "That poor wimp couldn't dig his way out of a kitty litter box". Seu destino era a mediocridade. Até que um dia, descobriu a Filosofia, e renasceu na Arqueologia. Percebeu que apenas era necessário um projeto bem estruturado e articulado para nunca mais precisar fazer pesquisa de

campo, que, no fundo, tanto odiava. Ele apenas publicava os conceitos teóricos e criticava os trabalhos dos outros, ficava no ar-condicionado, reproduzia hipóteses, leis e modelos. Ele era um "law producer" e não um "law consumer".

A "Criança dos Anos Setenta"⁶ tinha uma característica destacada: ambição sem limites. Sem ter o compromisso com a história-cultural, nem com a devoção às teorias como tinha a geração da década de 1960, seus objetivos eram simples: ser famoso, ser bem pago, receber elogios e gratificações. Não lhe importava como chegar a essas metas. Para ele, Arqueologia era apenas um veículo cuidadosamente selecionado, pois logo descobriu que as pessoas dariam quase tudo em prol da Arqueologia.

O "Old Timer" era o principal personagem na parábola de Flannery, uma espécie de "alter ego" do autor. Aposentado antes do tempo por ainda acreditar em cultura como paradigma central da Arqueologia, o "Old Timer" era homem da pesquisa de campo, queimado pelo sol, com calça jeans rasgadas, botas e chapéu, que chamava os outros de "son", e que concluía seus depoimentos sempre com: "and that's the God's truth". Seus colegas da Universidade tinham pintado de ouro sua velha colher de pedreiro da marca "Marshalltown" como gesto de reconhecimento e de premiação pelos serviços prestados no campo da Arqueologia. O "Old Timer", dirigindo-se aos outros colegas no bar, perguntou:

You know what an archaeologist's first Marshalltown is like? Like a major leaguer's first Wilson glove. I dug at Pecos with this trowel, under A. V. Kidder. And at Aztec Ruins with Earl Morris. And at Kincaid with Fay-Cooper Cole. And at Lindenmeier with Frank Roberts. Son, this trowel's been at Snake-town, and Angel Mound, and at the Dallas of the Columbia with Luther Cressman. (Flannery, 1982:268).

⁵ "The Born-Again Philosopher" (Flannery, 1982:266).

⁶ "The Child from the Seventies" (Flannery, 1989:266).

Desenvolveu-se um diálogo entre o "Old Timer" e o "Filósofo Renascido". A "Criança dos Anos Setenta" somente ficava atenta à conversa entre os dois, anotando tudo com a esperança de poder aproveitar alguns argumentos e algumas idéias para seu novo livro. O filósofo enfatizava a importância das teorias e assegurava que o maior legado que ele e seus colegas filósofos puderam deixar para a próxima geração de arqueólogos era um corpo sólido de teorias arqueológicas. Para o "Old Timer", ao contrário, não existiam essas tais teorias arqueológicas, somente teorias antropológicas.

- "Arqueólogos têm sua metodologia própria e os etnólogos a sua metodologia, no campo das teorias, todos falam como antropólogos".

- "Meu Deus! Você está completamente por fora!", reclamava o filósofo.

- "Há dez anos estamos construindo um conjunto de leis puramente arqueológicas".

- "Quais?" perguntava o "Old Timer". O filósofo respondia:

- "Primeiro: As pessoas na pré-história não deixaram no sítio tudo que faziam. Segundo: Algumas coisas que deixaram no local se desintegraram e não podem ser mais encontradas pelos arqueólogos".

- "Heinrich Schliemann já sabia disso, quando escavou Tróia", ironizava o "Old Timer".

No decorrer da conversa, o Velho comparou a Arqueologia com um jogo de futebol que tem 22 jogadores no campo, 2 treinadores nas laterais e 3 pessoas transmitindo e comentando o jogo das cabines no alto, sobre o campo. Um desses nunca jogou bola na sua vida, mas era justamente esse comentarista que fala mais alto e que mais critica os jogadores e treinadores no campo. Os jogadores estão lá embaixo no campo, enquanto os comentaristas estão no alto, no Olímpio da idéias.

- "Nenhuma renovação de estratégia que surgiu nos últimos anos no futebol partiu da cabine, todas foram criadas pelos jogadores e treinadores", reafirma o "Old Timer" sua posição.

- "Você nega a importância das teorias?", pergunta a "Criança dos Anos Setenta".

- "Teorias são importantes para organizar e entender os dados", responde o velho, que, em seguida, critica aqueles que percebem "Teorias Arqueológicas" como uma disciplina à parte.

- "E se isso não fosse suficiente, alguns até começam a pensar que são filósofos!".

- "Acho isso fascinante", comenta a "Criança dos anos Setenta".

- "Filho", intervém o velho, "isso seria fascinante, se eles fossem bons nisso. Infelizmente agora temos filósofos que nada sabem de Arqueologia, instruindo arqueólogos que nada sabem de filosofia!".

- "O diálogo com a filosofia é muito importante", reclama a "Criança dos Anos Setenta".

- "Prefiro ser um arqueólogo de segunda a ser um filósofo de terceira", responde o "Old Timer", e continua:

- "Precisamos saber o que o mundo realmente espera de um arqueólogo. Se ligo a televisão ou entro numa livraria, vejo que o mundo quer que os arqueólogos contem algo sobre o passado da Humanidade. Eles não querem saber sobre Epistemologia. Querem ouvir sobre a Garganta de Olduvai, Stonehenge, Macchu Picchu. As pessoas estão percebendo que os primeiros 3 milhões de anos do seu passado aconteceram antes da história escrita e vêem a Arqueologia como a única ciência com poder suficiente de descobrir o passado. Filho, se o mundo quer filosofia, consultará um filósofo e não um arqueólogo. Estamos ficando confusos e virando as costas para aquilo que melhor sabemos fazer. Nossa maior responsabilidade com o resto do mundo

é fazer uma boa e básica pesquisa arqueológica”⁷.

A conversa continua, mas Flannery, cansado depois de vários dias de congresso e depois das diversas cervejas consumidas durante a viagem, dorme, e, ao acordar, percebe que tudo era apenas um sonho.

- “Como fica então a relação entre a Arqueologia prática e a teórica? Os especialistas em Arqueologia teórica no Brasil compartilham com o mesmo tipo de debate?”.

O PRONAPA e a “*versão empobrecida do histórico-culturalismo*”

“Eu sou o medo do fraco
A força da imaginação
O blefe do jogador
Eu sou eu fui eu vou”.
(Raul Seixas e Paulo Coelho)

Em seu artigo sobre os marcos teóricos da Arqueologia histórica, Tania Andrade Lima (2002) expõe suas idéias sobre a relação entre Arqueologia brasileira e as teorias. Lima opta por uma linguagem extremamente agressiva, fazendo uso excessivo de metáforas e expressões de cunho militar e de violação corporal. A autora transforma pensamentos arqueológicos em agentes, e ignora os próprios arqueólogos. Ela constrói metáforas com vontades próprias. *Tropoi* como, por exemplo: o “Histórico-Culturalismo”, o “Processualismo”, o “Pós-Processualismo” operam, competem, ou não competem, não dão “sinais de esgotamento”, “penetra(m) timidamente no trabalho de alguns pesquisadores”, “penetram fortemente”, “perdem fôlego”, ficam “sem forças para gerar novas idéias”, expõem “seus flancos ao ataque”, ou “mostram sua garra” (Lima, 2002:8-9).

A autora mostra uma profunda irritação e tudo indica que sua impaciência

tem vários motivos. Um deles, ela explica, tem origem na falta de teorias na Arqueologia brasileira. Sua indignação se dirige principalmente contra uma “versão empobrecida do histórico-culturalismo”. Essa “Arqueologia ‘empírica’ que envolve aquisição e análise de dados sem teorias pré-existentes” é responsabilizada pela pesquisa do “nosso passado histórico” (Lima, 2002:8).

Outro motivo está na ignorância da Arqueologia brasileira frente à “profunda revolução que o Processualismo operou” na Arqueologia anglo-americana. A Arqueologia brasileira não ergueu “com ímpeto olímpico (...) a chama da renovação do pensamento arqueológico”. Por essa razão, a Arqueologia brasileira continua sendo caracterizada como descritiva e classificatória (Lima, 2002:10).

Para enfatizar ainda mais a deficiência teórica da Arqueologia brasileira, Lima constrói uma narrativa do atraso. Quando a Arqueologia processualista surgiu na década de 1960, caracterizada pelo “rigor científico, objetividade e dedução”, a Arqueologia brasileira ainda praticava uma “versão mais empobrecida do histórico-culturalismo”. E quando essa “Nova Arqueologia” positivista “acabou tendo pouco a oferecer à explanação das questões que passaram a interessar e a receber atenção das ciências sociais”, em meados da década de 1980, “ecos tardios” dessa Arqueologia processualista “começaram a ser ouvidos na nossa Arqueologia” apenas no início da década de 1990 (Lima, 2002:8-10).

Na busca por explicações pela “lentíssima incorporação de novas idéias em nosso país”, Lima culpa os profissionais da área por sua incapacidade de “acompanhar (...) os avanços da nossa disciplina e menos ainda de refletir criticamente sobre eles para que possam ser ou não incorporadas à nossa realidade” (Lima, 2002:11).

⁷ “In my opinion, our major responsibility to the rest of the world is to do good, basic archaeological research” (Flannery, 1982:272).

Pergunto então:

- "Quais são essas novas idéias, o que elas representam e como a autora construiu uma narrativa de aspectos positivos e negativos, de sucessos e fracassos?"

Posso dividir sua narrativa em quatro momentos relacionados com os *tropoi* que envolvem o Histórico-Culturalismo, o Processualismo e o Pós-Processualismo na Arqueologia brasileira.

O Histórico-Culturalismo da Arqueologia brasileira é entendido por Lima como sendo: pontual, empiricista, empobrecido, descritivo, classificatório, ignorante frente às renovações e isolado, e, de certo modo, alienado, ao impedir uma reflexão crítica (Lima, 2002:8-11).

O Processualismo é caracterizado por Lima como: renovador do pensamento na década de 1960, positivista, fundamentado no rigor científico, objetivo, dedutivo, excessivamente focado em adaptações ambientais e mudança de subsistência, caracterizado por servir para pesquisas das sociedades simples e dependentes do meio. São destacados ainda aspectos tais como: não servir para sociedades historicamente conhecidas, desprezo pela História, enaltecimento da Antropologia, e ainda por abordagens quantitativa, funcionalista, sistêmica, evolucionista e com limitações para explicar os fenômenos particulares.

O Pós-Processualismo, definido por Lima, valoriza contextos históricos e ideológicos, a diversidade dos significados da cultura material, sua dimensão simbólica e individual, tem consciência da complexidade das relações sociais, das desigualdades, das etnicidades, da dinâmica interna das sociedades, das relações de poder, dos conflitos de classes, do capitalismo, da riqueza e do gênero. Por esse prisma, o Pós-Processualismo aduba, fertiliza, explode, fascina, ilumina e impacta (Lima, 2002:8-11).

Em sua análise dos marcos teóricos da Arqueologia histórica, Lima vê os limi-

tes do Histórico-Culturalismo brasileiro na "forte penetração" desse conjunto de idéias e as possibilidades da Arqueologia brasileira na "incorporação" do programa social do Pós-Processualismo. As duas figuras de linguagem: penetração e incorporação são metáforas físicas, sexuais, doloridas e extremamente agressivas. Lima cria uma ligação entre um "Histórico-Culturalismo empobrecido" e as práticas arqueológicas desenvolvidas das décadas de 1960 até 1980 pelos colegas de profissão.

Fiquei pensando na parábola de Kent Flannery e no "Old Timer". Esses arqueólogos brasileiros chamados por outros arqueólogos brasileiros de "Pronapianos" ou "Pronapistas" ou os "histórico-culturalistas empobrecidos" são meus colegas, alguns são meus amigos. Por isso, precisava entender melhor o significado dessas afirmações e os seus conceitos teóricos, pois sem saber o que exatamente representava ser histórico-culturalista, evolucionista, difusionista, processualista, pós-processualista, Yippies, Yuppies, Guppies, Puppies, Lollies, "Filósofo Renascido", "Criança dos Anos Setenta" ou "Old Timer", corria o risco de fazer parte de um ou de outro grupo, de uma irmandade, de uma tribo, sem perceber. Em todo caso, ainda estou convencido de que os arqueólogos "Pronapianos" dificilmente cometeram todos esses pecados de que são acusados, e com certeza nem todos eram esses tradicionalistas recalçados. Ao contrário! Acho, sem poder comprovar minha afirmação nesse momento, que os "Pronapianos" eram os jovens arqueólogos brasileiros e representavam, na década de 1960, a "jovem guarda".

Tentando sair de uma sinuca de bico

"In winter, when the fields are white,
I sing this song for your delight.
In spring, when woods are getting green,
I'll try and tell you what I mean.
In summer, when the days are long,

Perhaps you'll understand the song.
In autumn, when the leaves are brown,
Take pen and ink, and write it down".
(Lewis Carroll: Through the Looking Glass).

Ainda estou bastante confuso. Os especialistas consultados não ajudaram muito. O compromisso do arqueólogo com a sociedade depende do enfoque teórico e metodológico? Acredito que sim, mas preciso ouvir outras opiniões. O que entendi até o momento é que os histórico-culturalistas também são particularistas e privilegiam uma abordagem empírico-indutiva e a coleta de dados; buscam a descrição e classificação; constroem tipologias e seriações; adoram comparações e narrativas; explicam mudanças culturais através da difusão e migração; buscam a reconstrução do passado, "assoprando por cima dos achados para tirar a poeira do tempo", agindo como se a história estivesse encoberta.

Os Processualistas buscam generalizações; acreditam em bases sólidas construídas sobre dados; sua abordagem é hipotética-dedutiva; definem leis gerais do comportamento humano e teorias de sistemas; desenvolveram as teorias de médio alcance; definem Arqueologia como Antropologia; adoram os métodos quantitativos e acreditam em sistemas. São materialistas, positivistas; defendem a idéia de que o tempo e a história não explicam as mudanças culturais; acreditam na cientificidade; analisam a adaptação das sociedades ao ambiente, comportamentos, processos culturais, e a função dos objetos, além de enfatizar as pesquisas de tecnologia e economia.

Os Pós-Processualistas também são arqueólogos contextuais, estruturalistas e acreditam no simbólico das coisas. A Arqueologia Crítica, que faz parte da Arqueologia Pós-Processual, enfatiza a importância dos contextos históricos, dos significados e dos símbolos, é uma Arqueologia interpretativa, onde os símbolos ordenam e recriam o mundo social e

a vida cotidiana. A Arqueologia Crítica valoriza as minorias étnicas, os estudos de gênero e é influenciada pelo Marxismo. Dois pontos caracterizam os argumentos da Arqueologia Crítica: teorias sempre são indeterminadas pelos dados, pois um conjunto específico de dados comporta mais de uma interpretação, e dados apenas se transformam em dados no contexto de uma teoria específica (Shanks & Tilley, 1987).

- "E agora?"

Assumi neste artigo o compromisso, junto aos meus colegas de profissão de pensar sobre o compromisso que os arqueólogos têm frente à sociedade. Então, vou descer da minha torre de marfim e fazer uma Arqueologia que a sociedade precisa, deseja e exige.

- "Mas, é a sociedade que define qual é nosso compromisso?"

- "Claro! Ouvi falar que a minhoca que tem de agradar ao peixe e não ao pescador!"

- "Que expressão mais boba!"

Durante várias semanas tentei transformar idéias em frases compreensíveis e interconectadas, mas confesso minhas dificuldades em organizar meus pensamentos. Estava simplesmente questionando todas as transformações, duvidava das palavras, dos conceitos, daquilo que pretendia dizer, do como dizer, enfim, de tudo que estava fazendo. Minhas antigas certezas arqueológicas transformaram-se em dúvidas.

- "É apenas uma pequena crise de identidade", pensei, "todos passamos por momentos de incertezas!"

Mas os dias passaram e notei que se tratava de uma crise especificamente arqueológica, pois as outras realidades e representações continuavam sendo acessíveis e funcionavam perfeitamente. Precisava de ajuda!

Quem é especialista em crises arqueológicas? Dos textos que li até agora, alguns não resolveram minhas dúvidas. Ao

contrário! Comecei a procurar novamente. Revisitei manuais de "como-ser-um-bom-arqueólogo", textos teóricos, sites na internet, era como se estivesse escavando através da escuridão. E foi em *Digging through darkness: Chronicles of an archaeologist*, de Carmel Schrire (1995) que encontrei algumas idéias que me ajudaram a pensar sobre o que significa "ser arqueólogo". Não foi uma solução definitiva, longe disso, mas percebi que Carmel Schrire abriu uma porta, ou melhor, acendeu uma luz que naquele momento me ajudou a encontrar um caminho através da escuridão. Esse caminho passou pela narrativa das diversas histórias: Uma oficial, contada cuidadosamente nas escolas e universidades, repleta de datas, acontecimentos e alguns personagens famosos. A outra falava da escuridão, do não-dito, do desconhecido, do qual a história particular e local é feita, das pessoas anônimas.

Carmel Schrire é uma arqueóloga sul-africana que relata uma história de seu país a partir de uma perspectiva muito pessoal. Ela transmite no seu livro uma sensação de estar no centro dos acontecimentos históricos, culturais, inclusive da evolução humana. No seu livro, Carmel Schrire fala do *Australopithecus africanus*, descoberto por Raimund Dart e de *Klasies River Mouth Cave*, ela trata dos objetos e construções que os comerciantes, militares, clérigos e navegadores árabes, portugueses, holandeses, espanhóis e ingleses nos séculos XV, XVI e XVII deixaram na ponta meridional do continente africano, mas ela trata principalmente das pessoas. Ela interpreta o encontro entre africanos locais com as pessoas que apenas passaram pela ponta do continente africano e com

aquelas pessoas que ficaram. A arqueóloga Carmel Schrire é descendente de uma família sul-africana de comerciantes judeus que ficou. Ela se posiciona dentro desse centro dinâmico de permanências e de mudanças e garante, com toda autoconfiança, que os arqueólogos fazem parte desse contexto e que negociam com artefatos.⁸ Definem o valor de cacos cerâmicos, pedras lascadas, ossos, fragmentos de vidro, metal ou louça, e que a disciplina receita métodos padronizados para encontrar objetos, decodificar suas mensagens e seus significados.

- "Nunca tinha pensado nisso antes. E vocês?".

Mostrei a uma colega partes das minhas reflexões que iniciavam com esse jogo de palavras de Carmel Schrire que os arqueólogos "negociam com artefatos". Ela, muito gentilmente, sugeriu que mudasse a palavra "negociar" por "tratar com", para tirar a conotação negativa de comercialização, talvez para não oferecer um exemplo negativo aos alunos ou explicitar crime contra o Patrimônio Histórico da União. Quando percebi sua reação de rejeição, sabia que estava num caminho interessante, não por ter assumido propositalmente o papel de um arqueólogo provocador, que nunca quis ser, mas por ter ampliado minha visão como arqueólogo.

- "Eu negocio com coisas!".

Claro que não compro e vendo antiguidades. Longe disso! Uso a palavra "negociar" em termos de "dialogar". Claro que não falo diretamente com pedras, ou com fragmentos de vidro, ou com um pedaço de arame.

⁸ "Archaeologist deal in artifacts. They traffic in bones and chipped stone tools from stratified caves, in shards from the ruins of ancient towns, and in shattered goblets and encrusted jars sucked out of shipwrecks. The discipline prescribes standard methods for finding and decoding the message and meaning of these objects, which are then classified according to provenance, shape, usage, and age. But rules do not enliven the contents of an empty cave, nor do they lend voice to the cobbled lane of a walled city or the heaving deck of an East Indiaman bound for Ceylon. Only imagination fleshes out the sound and taste of time past, anchoring the flavor of lost moments in the welter of objects left behind". (Schrire, 1995:11).

-“Ainda não sou louco!”.

Uso minha sabedoria de arqueólogo para criar histórias a partir das coisas que outros deixaram para trás. Transformo coisas em narrativas. Mas, diferente dos outros cientistas históricos e sociais, que se comunicam diretamente com as pessoas, o diálogo com a cultura material se dá pela atribuição de sentidos ao próprio objeto.

Henry Glassie (1999), que, já no final da década de 1960, junto com James Deetz (1996) refletiu, sobre o significado desses pequenos objetos esquecidos, registrou histórias maravilhosas baseadas em coisas descartadas. Glassie afirma que às vezes dominamos os objetos. Nós analisamos, numeramos e classificamos as evidências arqueológicas. Às vezes somos dominados pelos objetos. Eles nos seduzem e despertam desejos. Os resultados desses diálogos conflitantes são histórias. Essas histórias iniciam na vontade do historiador, do arqueólogo que, num ato de coragem, ignora a maioria das pessoas e dos eventos, seleciona uma pequena fração dos fatos, arrumando-os de forma artística, para falar sobre a condição humana. Glassie (1999:6) percebe um historiador, e todos os outros que “negociam” com cultura material, como alguém que compõe histórias que funcionam dentro de um roteiro social, agrupando pessoas e refinando suas relações pessoais na base de uma cosmologia compartilhada.

Arqueólogos e historiadores ganham seu dia-dia contando histórias às pessoas sobre outras pessoas. Pois a história não é o passado. História é uma narrativa sobre o passado, contada no presente com a finalidade de construir o futuro das pessoas⁹. Revisamos mitos, ajustamos e proporcionamos carências nos roteiros sobre os quais construímos

o passado, escolhemos novos fatos, novos agentes e fontes, expandimos nossas visões além do documento escrito, para incorporar história oral e cultura material (Glassie, 1999:7).

Cultura material não é objeto exclusivo da ação arqueológica, muitos pensam sobre cultura material. Todos nós estamos relacionados com coisas. Às vezes duvido das negociações entre os arqueólogos e os objetos que são recolhidos, e depois sugeridos como Patrimônio Cultural da União. Acho que os objetos não podem ser fixados dentro de uma única rede de significados, espaços e tempos. Trata-se de um produto precíval, criativo, versátil, maleável, e principalmente social. Ao retirar cultura material da circulação cultural e social, pelo processo de tombamento, ela cai num buraco.

Dizendo isso, devo estar cometendo algum pecado capital, uma heresia de acordo com as leis que defendem o Patrimônio da União. Mas, o que pretendo colocar, é que vejo o arqueólogo também negociando com ilusões. Ele é, sobretudo, um mediador.

Neste ponto, o arqueólogo se aproxima de alguma forma ao contrabandista. Ele igualmente negocia com ilusões relacionadas às tralhas que está vendendo no centro da cidade e que satisfazem aos desejos das pessoas. Aquele par de tênis paraguaio, chinês ou tailandês é para o comprador o autêntico, exhibe o símbolo da grife. Vejo num debate sobre a questão da cópia e da reprodução dos objetos, um desafio interessante para os arqueólogos. Além da questão legal, do contrabando e dos direitos autorais, a cópia é socializada, pois o original está tombado, lacrado, tornando-o intocável. A cópia, entretanto, é valorizada, ganha significados próprios e é absorvida pela

⁹ “History is not the past. History is a story about the past, told in the present, and designed to be useful in constructing the future. The past is vast, and it is gone. Almost all of it is gone utterly, leaving no trace in the mind or archive. We know the past only through things that chance to exist in the present: old books, broken pots, disturbed memories” (Glassie, 1999:6).

sociedade. A cópia comunica, transforma-se constantemente conforme a vontade e pela ação das pessoas. Confesso que não tenho mais certezas sobre o valor inestimável do original em detrimento da cópia sem estima.

- "Qual o original e qual a cópia?".

- "A diferença está nas mãos dos arqueólogos!".

- "Que responsabilidade, que compromisso com a sociedade!".

- "É verdade, e como fica a comunidade local? E a educação patrimonial?".

- "Sem dúvida é muito importante! Mas os arqueólogos não podem continuar enganando a comunidade local".

- "Como assim?".

- "Primeiro, os arqueólogos procuram convencer as pessoas da importância e dos inestimáveis valores da cultura material arqueológica que está na sua propriedade. Depois distribuem cartilhas em linguagens infantis, elaboram programas de educação patrimonial sem sentido para a comunidade local, até a ameaçam com multas e prisão em caso de desobediência às leis, e depois, quando finalmente os moradores do sítio arqueológico dão sinal de ter incorporado o discurso dos educadores patrimoniais, esses objetos tão valiosos e importantes, são levados embora pelos arqueólogos".

- "É verdade! A cultura material arqueológica muitas vezes é maltratada:

recebe uma ducha de água fria, sente a escova dura, a incisão dolorosa de um número na superfície, a luz incandescente da lupa binocular e, por fim, quando o objeto se transforma em um 'Documento Histórico Cultural da União', experimenta o castigo da escuridão quase eterna, ao ser depositado no acervo de um museu".

O que resta? Bom, é o mito que vale! O arqueólogo cria essa realidade para ser útil dentro de um roteiro social. Seu acesso a essa realidade é através da linguagem. Com a linguagem, ele cria representações da realidade que não são simplesmente reflexos de uma realidade preexistente, mas que contribuem na construção da realidade (Phillips & Jørgensen, 2002:8). Isso não significa que a realidade não exista! Evidentemente que sinto a pedra no caminho e a dor na ponta do meu dedo quando acidentalmente bato nela, mas significados e representações são reais e os objetos também existem, mas eles somente ganham significados através do discurso que o arqueólogo constrói. O discurso do arqueólogo é construído com os artefatos.

Penso hoje que o trabalho de um arqueólogo é de reorganizar o passado, contando histórias. Devem ser histórias úteis, contadas, escritas e desenhadas para responder às necessidades das pessoas que precisam de compreensão, consolo e ajuda para entender suas tragédias, derrotas e, por que não, também suas vitórias.

Referências Bibliográficas

- BINFORD, L.R. 1989. "Culture" and Social Roles in Archaeology. In: BINFORD, L. R. (Org.) *Debating Archaeology*. Academic Press, pp. 3-11.
- BINFORD, L.R. 2001. Where do Research Problems come from? *American Antiquity*, 66(4):669-678.
- DEETZ, J. 1996. *In Small Things Forgotten. An Archaeology of Early American Life*. 3ª ed. New York, Anchor Book.
- FAGAN, B.M. 1988. *In the Beginning. An Introduction to Archaeology*. 6ª. ed. London, Scott, Foreman and Company.

FLANNERY, K.V. 1982. The Golden Marshalltown: A Parable for the Archaeology of the 1980s. *American Anthropologist*, 84(2):265-278.

GLASSIE, H. 1999. *Material Culture*. Bloomington, Indiana University Press.

LIMA, T.A. 2002. Os marcos teóricos da Arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 28(2)7-23.

PHILLIPS, L. & JØRGENSEN, M.W. 2002. *Discourse Analysis as Theory and Method*. Sage Publications.

PREUCEL, R.W. & HODDER, I. 1996. *Contemporary Archaeology in Theory. A Reader*. Blackwell Publishing.

SCHRIRE, C. 1995. *Digging Through the Darkness: Chronicles of an Archaeologist*. University Press of Virginia.

SHANKS, M. & TILLEY, C. 1992. *Re-Constructing Archaeology. Theory and Practice*. (2. edit.) London, Routledge.